



Andreas Kisser, Paulo Jr., Max e Igor Cavalera (da esq. para a dir.) entre os índios xavantes em Mato Grosso; a experiência na aldeia foi registrada para servir em videoclipe ou documentário

Sepultura busca raízes e grava com xavantes

A banda de heavy metal participou de ritual indígena em aldeia de Mato Grosso para fazer música de seu novo disco, 'Roots', que será lançado mundialmente em fevereiro de 1996

JOTABE MEDEIROS

Rio das Mortes fica a duas horas de voo de Goiânia, a quatro horas de carro da estrada asfaltada mais próxima. Inexistente nesse pedaço da selva mato-grossense fica a aldeia xavante de Pimentel Barbosa, uma comunidade de 600 índios que vivem uma das mais curiosas experiências de sua existência no final da semana passada. Durante dois dias, os hóspedes da aldeia, uma banda de heavy metal, uma das mais famosas do mundo, se dedicaram a registrar a experiência de sua existência no final da semana passada. Durante dois dias, os hóspedes da aldeia, uma banda de heavy metal, uma das mais famosas do mundo, se dedicaram a registrar a experiência de sua existência no final da semana passada.

GRAVAÇÃO FOI SOB LUA CHEIA, COM TODOS PINTADOS DE VERMELHO E PRETO

A faixa ainda não tem nome. Foi gravada em três turnos. Numa noite de lua cheia, sem uma só fogueira acesa, pintados de preto e vermelho, os garotos do Sepultura, os irmãos Max e Igor, o baixista Paulo Jr. e o guitarrista Andreas Kisser, tocaram com 60 xavantes o Ritual para a Cura do Mundo, uma cerimônia de saúde da tribo.

Max Cavalera, vocalista, guitarrista e bandleader do grupo, saiu da experiência direto para um avião, que o levou de volta para Phoenix (Estados Unidos), onde vive com a mulher, a americana Glória, e os filhos, Zyon e Igor. De lá, ele concedeu entrevista ao *Caderno 2*, a primeira depois da experiência na selva.

Caderno 2 — Como foi lá na aldeia?

Max Cavalera — Foi uma das mais importantes experiências da minha vida, a sensação de voltar à simplicidade total. Nós gravamos com cerca de 50 xavantes e a ideia era fazer a coisa da maneira mais rústica possível, não enfeitar muito para não perder a crueza e a simplicidade do som. O Paulo e o Igor tocaram instrumentos de percussão. O Igor tocou um timbau, que o Carlinhos Brown lhe deu. Eu e o Andreas tocamos violão. As gravações foram feitas em um gravador movido a bateria de oito canais e o controle, em uma mesa de 16 canais, manipulados pelo técnico Evandro Lopes. Nós queríamos que os índios ficassem confortáveis na produção, que a gente não se tornasse um estorvo para eles. Acho que foi muito bom, uma coisa que nunca experimentei antes. Não foi só uma gravação, foi uma experiência de vida. Eles nos receberam e abriram seu território de

autêntica. Quando vocês ouvirem o som e virem o filme que fizemos, vai dar para ter uma ideia do que foi aquilo.

Caderno 2 — Mas vocês ensaiaram com eles?

Cavalera — Não. Ficamos no meio dos caras, eles cantando, a gente tocando. Ou então a gente ouvia, depois colocava as bases. Fizemos um filme em câmera de vídeo normal e outro em 16 milímetros para montar um clipe ou um documentário para o lançamento do disco.

Caderno 2 — Como os xavantes receberam vocês?

Cavalera — Olha, foi tudo incrível. Nós viajamos de Goiânia ao Rio das Mortes num teco-teco minúsculo, parecia um Karmann Ghia de tão apertado, todo mundo enfiado lá dentro e voando alto pra caramba. Já começou com um clima meio diferente. Depois, começa a sumir estrada, casa e surge a tundra, a vegetação da região. Quando o avião finalmente desce, os xavantes já cercam para receber os visitantes. Tudo na aldeia tem certa cerimônia. Todos

da tribo cumprimentam um por um os visitantes, levam a gente ao centro de uma clareira, que os indígenas chamam de parlamento e começam a se apresentar, primeiro os mais importantes. Pedem que todos nos apresentemos no centro do parlamento, a bandeira, os roadies, minha mulher, todo mundo.

Não tem estrela lá, é todo mundo igual. Ficamos dois dias vivendo como os xavantes, tomando banho de rio, encardidos de poeira, o corpo pintado. Para cada música eles têm uma pintura adequada. Nós gravamos no primeiro dia pintados com urucum, uma tinta vermelha, e no segundo dia pintamos a cara de preto e vermelho.

Caderno 2 — Sempre tiveram essa intenção de gravar com os índios?

Cavalera — Há muito tempo a gente pensa nisso. E desde *Arise*, quando gravamos na Indonésia, nós temos feito esse tipo de pesquisa sobre culturas mais antigas, nas raízes. Fizemos o clipe de *Territory* no deserto, com barro na cara. A gente tem aberto a cabeça em relação a culturas diferentes.

Não fazemos isso com o propósito de encaixar o Sepultura nessa ou naquela tendência ou lançar um modismo. Os xavantes estão aí a vida toda e nunca ninguém pensou nisso, em fazer esse contato entre duas formas musicais extremas. É uma das coisas mais legais em termos de experiência. O som dos xavantes tem

tudo a ver com o nosso. Não quer dizer que um dia a gente vá sair tocando bossa nova, embora tenha gente na banda que goste: o

Andreas toca nos ensaios. Tem de ser um som diferente e que tenha a ver. O som dos xavantes é guerreiro, tem peso. A tradução é a mesma que a do nosso som: peso, força, energia.

Caderno 2 — Os índios vão ter direito a royalties?

Cavalera — Nós abrimos mão dos nossos direitos. É tudo deles. Ficamos tão felizes com o resultado que não queremos saber de grana. É o valor da coisa toda que nos importa. Conversamos cinco minutos sobre grana e foi muito. Não foi também um lance de doação; mas de direito mesmo.

Caderno 2 — Os fãs de vocês não estranham essas experiências? No último disco, *Chaos A.D.*, vocês já faziam umas misturas. Não choca o seu público?

Cavalera — Os fãs gostam disso, já sabem que nunca vão comprar um disco do Sepultura e dizer: "Isso, é igual ao outro". É importante a coisa da novidade. Mantém o Sepultura como uma coisa nova, estimula a gente a evoluir. Mas acho que nesse disco nós fomos longe demais. É uma das viagens mais fascinantes que já fizemos. Não quero pensar nem no que poderemos fazer no próximo, até porque está longe o dia de começar a pensar nisso. Temos uns dois anos pela frente e vamos pensar só nesse agora.

Caderno 2 — Como vão lançar esse disco? Primeiro na Europa, depois no Brasil?

Cavalera — Dessa vez pretendemos fazer um lançamento simultâneo em todos os lugares. Antes mesmo do lançamento, vamos fazer uma série de shows de aquecimento em pequenos locais onde começamos a carreira: na Inglaterra, Alemanha, França. Lugares onde nós já tocamos cinco anos atrás. Queremos começar o disco a mil, apresentando direto para os fãs. Lugares como o Marquee, em Londres, onde fizemos um de nossos primeiros shows na Europa, em 1989.

Caderno 2 — Vocês foram à aldeia com apoio de alguma instituição?

Cavalera — Sem o trabalho pessoal do Núcleo de Cultura Indígena nada disso teria sido possível. Nós os procuramos depois que ouvimos o disco que eles gravaram. Eles nos ajudaram a

MAX CAVALERA ACHA QUE SOM DA TRIBO É PESADO, GUERREIRO E TEM ENERGIA

Convidados especiais trazem som high tech e timbalada

Novo álbum conta com participações do DJ Letal, Carlinhos Brown e Mike Patton

O novo disco do Sepultura, *Roots* (Raízes), pretende ser uma viagem "de um extremo a outro" do universo musical, segundo Max Cavalera. Um extremo pode ser o som heavy-indígena gravado na aldeia xavante. O outro é uma faixa gravada com a participação high tech do DJ Letal, do grupo House of Pain.

Mas as "extremidades" não terminam aí. Carlinhos Brown participa da faixa *Ratmahala*. Mike Patton, do grupo Faith No More, é outro dos convidados especiais. O grupo revisita ainda um clássico de Bob Marley, *War*,

explica. "A história dele começa na rua, como a nossa, e o som dele também é guerreiro, como o dos xavantes", teoriza Max. Nem o reggae de Bob Marley corre o risco de levar os cabelos para as dreadlocks rastafári. "Não tocamos como um reggae", adverte Max, já avisando que não vai cantar imitando Marley. "Fizemos um som pesado, diferente, meio tribal e eu canto fulado, como na gravação original do Marley, que fazia o vocal como se discursasse", conta.

"Nós gravamos sempre algum cover que o pessoal ouve e diz: cara, precisamos ver como seria o

passou duas semanas fotografando pessoas e lugares em São Paulo, fotos de botecos e de sem-teto.

Uma dúvida que ainda persiste diz respeito à foto da capa. Em geral, os discos do Sepultura têm uma ilustração. Dessa vez, eles estão em dúvida entre uma fotografia de Sebastião Salgado, o material fotográfico realizado na aldeia xavante e o trabalho do fotógrafo americano Gary Monro. Este último

GRUPO FINALIZA TRABALHO NOS EUA

CAMPO GRANDE

9:30h
19:50h